

# Apresentação do dossiê

## Melià: espanhol de nascimento, paraguaio por opção e Guarani de coração

Diana Araujo Pereira<sup>1</sup>

Clovis Antonio Brighenti<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v22i48.888>

Bartomeu Melià (1932-2019) transformou a escrita sobre o mundo Guarani. Não há como escrever teses, dissertações, artigos e livros sobre Guarani sem referenciar Melià, não apenas porque ele produziu uma extensa bibliografia, mas pela profundidade e radicalidade com que escreveu seus artigos e livros. Em nenhum momento vacilou em apresentar os Guarani como um povo moderno ou, como chegou a dizer, “quase pós-moderno, pela forma como sabem entrar em contato conosco”. Inovou na criação de uma História Guarani, ao propor novas abordagens: “No es el Guaraní en la historia, ni el Guaraní de la historia, sino la historia del Guaraní, en cuanto que es éste quien sabe sus tiempos y los siente [...]”. Como jesuíta não poupou críticas às reduções Guarani do século XVII e XVIII comandadas pelos colegas de ordem, destacando a dramaticidade das mesmas: “uma colônia dentro da colônia”. Desconstruiu o conceito idílico da terra sem mal e demonstrou que para o Guarani o conceito está relacionado à práticas ecológicas e econômicas. Incorporou elementos contemporâneos à etnologia Guarani como o Teko Porã, o bem viver na dimensão deste povo. A partir de suas ideias, configura-se uma identidade política e histórica Guarani construída por subjetividades corporificadas e racializadas, acorde com perspectivas epistemológicas que se preocupam, cada vez mais, com a descolonização do ser e do saber: “su piel es una escritura de hecho. Y la piel se convierte en mensaje.”

Por tudo isso, Bartomeu Melià foi, também, árduo defensor dos Guarani no que se refere ao seu direito de existir e viver de maneira transfronteiriça. Nesse

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

sentido, coordenou os trabalhos de elaboração e publicação do Guarani Retã (2008) e do Mapa Continental Guarani (2016). Foi expulso do Paraguai pelo ditador Alfredo Stroessner justamente por defender os povos indígenas que estavam sendo vítimas da ditadura militar. No Brasil foi atacado pelos ruralistas na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Funai e Incra, como mentor da ideia da Nação Guarani. Certamente suas ideias incomodavam muitos privilégios.

Dedicar um número especial da Revista Tellus a Melià é uma justa homenagem, embora aquém da grandeza do pesquisador. De toda forma, queremos que as futuras gerações conheçam quem foi Bartomeu Melià não apenas pelos seus escritos, mas por pessoas que conviveram com ele, compartilharam reflexões e lutas. Nessa empreitada juntaram-se a nós pesquisadores(as) de diversas áreas, além de vozes que acompanharam a sua trajetória, ou por ela foram impactados, aqui apresentados como relatos e testemunhos.

O primeiro artigo, intitulado “El oguata poderoso de Bartomeu Melià” abre este dossiê chamando atenção para o seu compromisso intelectual, expresso no próprio título do artigo: o termo em Guarani *oguata* (de *guata*, caminhar) nos revela o sentido político e religioso que consegue, a um só tempo, dar densidade teórica e profundidade intelectual ao compromisso militante de Melià junto aos conjuntos sociais com os quais se vinculava. Criatividade, intuição e atenção às maneiras de comunicar as problemáticas analisadas também marcam a face deste intelectual que nunca quis se afastar da linguagem guarani ou dos contextos sociopolíticos que integrava. Do estudo linguístico à descoberta da religião, guiado por León Cadogan, Melià pouco a pouco se aproxima do universo do sagrado, cultural e linguístico, dos Mbya, posteriormente expandindo suas observações e estudo aos demais grupos Guarani. Este caminho, segundo os autores, leva Melià a finalmente interconectar as configurações linguísticas, identitárias e sociais para a compreensão da realidade política paraguaia, e a propor a interculturalidade como perspectiva política capaz de desenvolver as mentalidades e diminuir as assimetrias sociais; interculturalidade como caminho sócio cultural para a descolonização do saber no Paraguai.

O segundo artigo, “Os deslocamentos guarani: revisitando as fontes documentais com Bartomeu Melià” tem por objetivo problematizar um aspecto produtivo da etnologia guarani: os seus movimentos territoriais frequentemente interpretados como busca da terra sem mal. Trazendo outra chave interpretativa,

o autor e a autora se deslocam da abordagem religiosa e propõe a análise do contexto de deslocamentos guarani nas regiões do Guairá e Tapé, na primeira metade do século XVII, a partir de cartas jesuíticas do período, com uma abordagem política que prioriza a busca de proteção contra os ataques de bandeirantes paulistas, afastando-se, assim, da tese do motivo mítico-profético como tema central das andanças guarani. Para os autores, a relação com os jesuítas – espanhóis – e a relação com os portugueses criavam o contexto dos deslocamentos territoriais.

Já o terceiro capítulo, “Melià na pele da performance, em atrito e na poética do descaminho” se detém sobre a atualidade das ideias de Melià, em um contexto sociopolítico contemporâneo marcado pelo recrudescimento da violência em relação aos povos originários. A partir do diálogo entre Bartomeu Melià e Pierre Clastres, a autora problematiza determinados mitos da modernidade, lançando mão da performance e da oralidade como chaves interpretativas para propor uma “decolonialidade radical do saber”, manifestada na aliança entre maestria textual e performatividade oral. Nessa linha, a autora nos apresenta um Melià mediador entre culturas, capaz de persuadir com a elaboração e comunicação de suas ideias tornadas livros e artigos, mas também potente militância política.

O quarto artigo, “Um exilado entre os Kaingang”, como apontado no título, dedica-se ao período em que Melià, exilado pela ditadura stronista, morou no Rio Grande do Sul vinculado à coordenação da Pastoral Indígena do Interdiocesano Norte. O autor procura refletir sobre a escassez de escritos e registros em geral, desse período, como uma possível contradição frente ao cenário de forte repressão e violência vivido pelos indígenas no Brasil da ditadura militar. A atuação da Fundação Nacional do Índio (Funai), militarizada, poderia ser um dos fatores levantados pelo artigo. Esta instituição mantinha-o distante do contato com os indígenas e controlado no que se refere ao seu trabalho pastoral. Além disso, Melià sentia dificuldade em lidar com as relações interétnicas dos Kaingang, somadas às intercorrências das disputas pela exploração econômica das terras indígenas. Com a queda do ditador Alfredo Stroessner em 1989, Melià retorna ao Paraguai. O autor do artigo conclui que “a principal ação de Melià foi ‘civilizar’ os civilizados, ensinar o que significava as palavras de cristo de ‘compaixão’”, mantendo-se atuante, desta maneira, dentro e fora da Igreja, sempre atento à mediação com a sociedade na qual estava inserido.

O último artigo – “Che rog pypia aje katu! A linguagem da casa-longa Guarani no século XVII” – compõe o dossiê na medida em que traz dados e reflexões sobre práticas de sociabilidade registradas na língua guarani. O artigo, dedicado a Melià, e cuja temática certamente lhe agradaria, fornece informações linguísticas que abarcam aspectos importantes da cultura e da política guarani: “experimento que articula 553 palavras e frases, organizadas como um relato etnográfico”, cujo objetivo é “compreender o lugar da residência, em termos socioambientais e cosmológicos.”

Além dos artigos apresentados até aqui, esse dossiê conta também com relatos ou textos não acadêmicas, enviados por pessoas cujas vidas tocaram ou foram tocadas por Bartomeu Melià, em circunstâncias diversas, e estão reunidos nas seções Escritos Indígenas e Documentos.

O primeiro relato provém da experiência de Melià no Mato Grosso, embora agora assinado por diversas pessoas que trabalhavam no Conselho Indigenista Missionário (Cimi) naquele momento. A primeira autora afirma que “Melià foi um mestre e um amigo” que a levou a participar do livro “Educação Indígena e Alfabetização”. A autora exalta o caráter alegre e simples de Melià, aliado a bagagem intelectual de antropólogo e a atitude interiorizada de profunda vida de oração. Já o segundo relato – “Ao Mestre Melià com reconhecimento e gratidão” – ressalta o aprendizado que obteve com o sacerdote a respeito da vida religiosa “inserida no campo popular e no compromisso com uma nova sociedade”. A terceira autora destaca o encantamento causado pela figura de Bartomeu Melià para os indígenas que não o conheciam, por ser falante de língua guarani, e destaca, também, seu próprio encantamento pessoal: “ele conseguia transmitir a alma guarani!”.

O segundo relato, intitulado “Não existe uma língua que é mais antiga, que é mais importante do que o Guarani”, assinado pelo líder Guarani no Tekoha Itamarã/PR, nos traz outra perspectiva sobre a atuação de Melià no Mato Grosso do Sul, pois parte da experiência de interlocução pessoal entre o autor e Melià sobre a educação tradicional. Nos diálogos estabelecidos entre os dois, o autor comprova o profundo conhecimento de Melià sobre operadores técnicos, mas também sobre os valores e princípios dessa educação e do direito indígena. O autor dá seu testemunho, também, sobre o respeito e admiração de Melià pela cultura guarani, incluindo-se observações sobre a língua e sobre as cerimônias rituais.

O último relato tem como autor o líder da comunidade Mbarigúí 14 de Caaguazú, Paraguai, transcrito em forma de entrevista e apresentado em duas colunas bilíngues: guarani e espanhol. Ressalte-se que para favorecer a leitura, a transcrição conta com notas de pé de página explicativas que situam termos e expressões no contexto da cultura Mbya. Trata-se não de um testemunho sobre a pessoa de Melià, mas de uma longa oração a Ñande Jára e a Ñande Ru Tupã, evocados como o sagrado protetor e fonte de resistência e sabedoria. O autor também saúda e evoca outros diversos nomes do panteão religioso guarani, sempre com o cuidado quase pedagógico de nos ensinar sobre os seus atributos. Este último relato é dividido em duas partes e a segunda se dedica mais claramente à observação da debilidade atual, da perda de direitos e da preocupação pelas futuras gerações de seus netos e netas. Já próximo a terminar sua fala, recorda Melià como alguém que estava entre eles, e de quem nada escondiam. E assinala que, se Melià estava ali para conhece-los, eles também tinham curiosidade e interesse em conhece-lo. E se o aceitaram, se lhe deram “participação”, era pela preocupação de que a cultura e forma de ser guarani fossem expandidas a outros países.

#### **Sobre os autores:**

**Diana Araújo Pereira:** Doutora em Literaturas Hispânicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPG-IELA) na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). **E-mail:** [diana.pereira@unila.edu.br](mailto:diana.pereira@unila.edu.br), **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-7776-5269>

**Clovis Antonio Brighenti:** Doutor em História Indígena pela Universidade Federal de Santa Catarina (UDSC). Professor de História-América Latina na Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA). **E-mail:** [clovisbrighenti@gmail.com](mailto:clovisbrighenti@gmail.com), **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-8782-2239>

